

A REPRESENTAÇÃO DO ORIENTE EM ISMALL ISLAND

Ana Flávia de Morais Faria OLIVEIRA (UFMT)¹

Resumo: O presente trabalho terá como objeto de estudo o romance *Small Island* (2004) da afro-britânica Andrea Levy e investigará a representação da Índia na narrativa do personagem Bernard Bligh à luz dos estudos de Edward Said (1978) a respeito do Orientalismo. Bligh narra as experiências vividas por ele em solo indiano durante o processo de emancipação política do país. Além de se configurar como uma testemunha ocular de importantes fatos históricos, ele deixa escapar uma série de visões estereotipadas da Índia e de seu povo, que, mais do que imagens apenas pessoais, funcionam como representações coletivas que os britânicos nutriam pelos indianos e que a autora busca criticar.

Palavras-chave: Diferença cultural, Orientalismo, Andrea Levy

1. Introdução

Small Island, de Andrea Levy, é um romance pertencente à literatura pós-colonial e escrito por uma autora influenciada pela experiência da diáspora. A obra foi publicada originalmente em inglês no ano de 2004, sendo traduzida para diversas línguas, inclusive para o português, e publicada no Brasil em 2008, sob o título *A Pequena Ilha*. O romance recebeu os prêmios *Orange Prize* e *Whitbread* de Melhor Livro do Ano, dentre outros, e teve grande repercussão em Londres. Isso levou a BBC a transformá-lo em uma minissérie para a televisão no ano de 2009.

Há quatro narradores na obra de Levy: o casal de jamaicanos, representados pelos personagens Gilbert e Hortense Joseph, e um casal de britânicos, representados nas figuras de Victoria Buxton (Queenie) e Bernard Bligh. Cada capítulo leva o nome de cada um dos narradores, que apresentam diferentes pontos de vista nos seus discursos, utilizando-se de diferentes linguagens. Compostas por *flashbacks*, autobiografia e fatos históricos, as narrativas contam histórias e experiências vividas pelos personagens. Linda Hutcheon (1991) denomina como metaficção historiográfica os romances que são, ao mesmo tempo, intensamente autorreflexivos e, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos. Assim,

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso e aluna do curso de Artes - Música, na mesma universidade. Membro do grupo de pesquisa LAALID – Literaturas Africanas e Afrodescendentes de Língua Inglesa na Diáspora, coordenado pela Profa. Dra. Divanize Carbonieri. E-mail: anaflaviamt@gmail.com.

poderíamos considerar *Small Island* como um romance desse tipo. Além disso, a partir de uma perspectiva descentralizada, o “marginal” e aquilo que Hutcheon chama de “excêntrico” ganham espaço na tessitura dessa narrativa. Em suma, num período pós-guerra (1948), a obra retrata a chegada dos primeiros imigrantes jamaicanos à Inglaterra. Levy desenvolve a trama nesse ambiente conturbado e cheio de conflitos entre essas culturas.

Esta pesquisa, porém, não pretende analisar o relacionamento entre os imigrantes jamaicanos e britânicos. Ela se limita a investigar a narrativa de Bernard Bligh, sob a ótica de Edward Said (1978) a respeito do Orientalismo, considerando principalmente o estudo que é feito sobre ele por John McLeod (2000). Em sua narrativa, Bligh relata sua experiência na Índia ainda durante a Segunda Guerra Mundial. E, por meio dessa narrativa, podemos entender como o Ocidente europeu representava o Oriente. A narrativa de Bligh não nos revela o ano exato em que ele esteve na Índia, mas há indícios de que fora antes do ano de 1948, ou seja, num momento em que a Índia passava por um processo de descolonização liderado por Mohandas Ghandi. A Índia estava resistindo à opressão europeia para conquistar sua independência.

2. Uma visão orientalista da Índia

Bernard Bligh é um inglês de meia-idade que morava com sua esposa Queenie e seu pai. Era funcionário antigo de um banco da cidade de Londres, que com a guerra se vê na obrigação de se alistar como voluntário da Royal Air Force (RAF). Bligh foi aceito como soldado de segunda classe e, assim, parte para Índia na função de auxiliar de mecânico das aeronaves de combate. Na Índia, Bernard realiza algumas expedições, sendo que, em uma delas, ele deveria conter a guerra civil entre hindus e mulçumanos. Prestes a voltar para casa, Bernard se relaciona sexualmente com uma garota, o que o leva a acreditar ter contraído sífilis. Por esse motivo, ele se hospeda por dois anos em Brighton, uma cidade vizinha de Londres, e somente retorna ao seu lar depois de ter sido curado da sua moléstia. Ao seu retorno ao lar, já no ano de 1948, ele se depara com a casa cheia de imigrantes jamaicanos e, no meio desse conflito, sua esposa Queenie dá a luz a uma criança negra.

A representação e a resistência são dois fatores que repetidamente emergem quando se trata da teoria e da literatura pós-colonial (BONNICI, 2009). Em um dos

romances pioneiros da literatura pós-colonial, *Things Fall Apart* (1958), o nigeriano Chinua Achebe, além de apresentar a questão da resistência, também se preocupou em oferecer uma resposta às representações estereotipadas do Ocidente europeu sobre um determinado povo e cultura. Ao descrever sobre a organização e funcionamento, bem como sobre os costumes dos igbos, Achebe produz uma obra-prima que estabelece um contraponto em relação às representações ocidentais da África. No entanto, nas obras mais recentes como *Small Island*, é possível identificar várias temáticas da teoria pós-colonial, sendo que a principal delas talvez seja a conceituação da diáspora. A diáspora pode ser entendida como o trauma coletivo de um povo que voluntária ou involuntariamente saiu ou foi banido da sua terra e, vivendo num lugar estranho, sente-se desenraizado de sua cultura e de seu lar (BONNICI, 2009). Na obra de Levy, o tema da diáspora é explorado pela autora, na medida em que ela retrata a migração de jamaicanos para o Reino Unido nos personagens Hortense e Gilbert Joseph.

Todavia, na narrativa de Bernard Bligh, objeto de análise deste trabalho, o tema mais evidente explorado pela autora parece ser a diferença e o estranhamento em relação à cultura oriental, ou seja, a representação daquilo que comumente se chama de Oriente. Essa representação ocidental europeia é conceituada por Said (1978) como Orientalismo. Para Said, o Oriente sempre foi visto como um lugar exótico que, ao mesmo tempo em que causa estranhamento, causa certo fascínio nos ocidentais. Essas informações advêm de um amontoado de estudos, relatos, experiências vividas e contadas por povos da cultura ocidental, inclusive por membros da academia europeia. Desta forma, o Orientalismo, ao qual Said se refere, “é um modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental europeia” (SAID, 1978, p. 27).

A narrativa de Bernard Bligh se passa na Índia no momento em que o país era colônia do Império Britânico, ou seja, no período em que, embora houvesse uma resistência por parte dos colonizados, o discurso colonial ainda era predominante. Bhabha (1998) explica que o discurso colonial é uma forma de discurso crucial para a ligação de uma série de diferenças e discriminações que embasam práticas discursivas e políticas da hierarquização racial e cultural. McLeod também afirma que o colonialismo dependeu certamente do uso da força e da coerção física, mas isso não poderia ocorrer sem a existência de um conjunto de crenças que são realizadas para justificar a posse e a ocupação continuada de terras dos outros povos. Assim, parafraseando Tiffin e Lawson, McLeod conclui que o colonialismo (como o seu homólogo, o racismo) é uma operação

de discurso que interpela os sujeitos coloniais, incorporando-os em um sistema de representação baseado numa hierarquização. É importante deixar claro que Orientalismo e discurso colonial não são termos intercambiáveis. O discurso colonial, de acordo com McLeod, vai além do Orientalismo de Said, sendo um termo mais amplo. O Orientalismo, que é uma forma específica de discurso colonial, constitui-se da soma das representações ocidentais sobre o Oriente. Esse sistema de representação aparece muito bem construído em *Small Island*, na narrativa de Bernard. Levy nos dá uma ideia do que venha a ser o Orientalismo no discurso do personagem britânico que revela como a Europa e, em especial, o Império Britânico, representavam o Oriente.

McLeod ainda aborda minuciosamente os estereótipos do Oriente envolvidos no Orientalismo, tal como é descrito por Said. Em sua análise, o autor destaca seis estereótipos, o que amplia a nossa visão a respeito do modo como se davam essas representações europeias. O primeiro deles diz respeito à *regressão no tempo*. Enquanto o Ocidente era visto como um lugar de progresso, o Oriente era considerado um lugar primitivo, atrasado. Percebemos essa regressão no tempo logo no início da narrativa do personagem britânico que, ao chegar à Índia, narra o espaço, detalhando as características rústicas do lugar e o tratamento que ele e seus companheiros receberam: “Quando chegamos à Índia, fomos socados feito gado no trem para Bombaim” (LEVY, 2008, p. 335).

Nesse relato de chegada ao Oriente, Bernard parece induzir o leitor a pensar que o lugar é realmente primitivo, com pessoas atrasadas. Para isso, ele constrói um cenário fétido, com pessoas mal cheirosas: “Aquela gente fedida. O cheiro de seus corpos era mascarado por aromas doces, enjoativos de especiarias” (LEVY, 2008, p. 335). A crítica negativa relacionada às especiarias da Índia é dominante na fala do personagem, que procura inferiorizar aquilo que a Índia tem de especial e por que é notoriamente conhecida. No trecho, “Não teve um poeta que escreveu sobre o fascínio que a Índia exerce? [...] Ele deveria ter escrito sobre o fedor da Índia, isso sim” (LEVY, 2008, p. 337), o personagem reproduz essa passagem para desmistificar a ideia de que a Índia é fascinante como outrora fora dito. Está implícito em seu discurso que a Índia não possuía nenhum atrativo, e que em nenhum momento ela lhe causou alguma atração, mas sim sempre repulsa. Esse desconforto do personagem em relação ao lugar e às pessoas ali presentes funciona como uma espécie de ilustração para a sensação de que uma viagem ao Oriente não apenas significava viajar para outro lugar, mas era fazer uma viagem ao tempo passado.

O segundo estereótipo diz a respeito ao *estranhamento* que o Oriente proporcionava ao mundo ocidental. Esse estranhamento era visível porque o Ocidente era sempre visto como racional, sensível e familiar, e o Oriente como irracional, extraordinário e anormal. Ainda em seu relato de chegada, Bernard tenta mostrar o quanto os orientais são “anormais” ao narrar um pai tentando negociar sua filha: “À minha direita, um pai tentava vender a própria filha a um soldado britânico” (LEVY, 2008, p. 335). O personagem narra tudo que, a seu ver, era anormal e lhe causou estranhamento, a fim de estabelecer não só a diferença entre o Ocidente e o Oriente, mas também a superioridade do primeiro. McLeod ressalta que Said explica que o Oriente sempre era descrito por termos negativos para reforçar a superioridade europeia.

[...] Grupos de nativos de roupas coloridas como no Carnaval gesticulavam com braços finos como palitos. Conversavam em línguas misteriosas. [...] Os bolos falavam por si, coloridos como enfeites de Natal e salpicados de preto: não eram passas, eram moscas. (LEVY, p. 335-336).

Os excertos acima selecionados deixam claro que o personagem aborda a cultura oriental, atribuindo-lhe adjetivos de depreciação. A comparação com o “Carnaval” e com o “Natal” estabelecida por Bernard destaca a questão da diferença entre as culturas ocidental e oriental. Desta forma, percebe-se que o personagem enxerga o ‘outro’ (oriental) como um ser diferente, inferior. Bligh destaca e contrasta os comportamentos dos indianos em relação aos seus, de modo que os primeiros são sempre inferiorizados em relação a ele. Mediante essa dissonância entre Ocidente e Oriente, McLeod afirma que o Oriente não era apenas visto como estranho, mas “estranhamente estranho” (MCLEOD, 2000, p. 44, tradução nossa).

O terceiro, e talvez o mais frequente estereótipo encontrado no Orientalismo é a *suposição sobre a raça*. Os povos orientais, no geral, sempre eram representados de forma negativa. E, embora o espaço onde se passa a narrativa de Bernard seja a Índia, o personagem não deixa de fazer suposições sobre a raça de outros povos orientais, como por exemplo, os japoneses. O personagem descreve os japoneses como selvagens, comparando-os a animais desprovidos de inteligência. Em uma das expedições realizadas na Índia, Bernard, juntamente com um veterano de Guerra chamado Maxi, deveria resgatar uma aeronave japonesa que foi abatida pelos britânicos e, no caminho, tece comentários sobre os japoneses, nos quais, além de compará-los a cães obedientes, coloca-os em uma posição inferior em relação aos britânicos:

É impossível ensinar um cachorro a atacar qualquer coisa até a morte. Qualquer animal idiota vai continuar partindo pra cima de você [...] Isso não é inteligência, é obediência. Mas não ganha guerras. Nossa sagacidade vai nos levar à vitória (LEVY, 2008, p. 346).

A suposição sobre a raça está presente ao longo de toda a narrativa do personagem europeu. Todavia, essa suposição está mais evidente na passagem em que ele narra a guerra civil entre hindus e mulçumanos. Bernard e os demais soldados britânicos foram enviados para Calcutá para conter a guerra civil entre hindus e mulçumanos que brigavam entre si para decidir com quem ficaria o poder quando a nova Índia independente chegasse. Ao se deparar com um cenário repleto de mortes e destruição, Bernard classifica a cena como um ato de selvageria jamais visto durante sua permanência na Índia: “Aquilo era uma selvageria comparável a qualquer coisa testemunhada durante a guerra” (LEVY, 2008, p. 363). Ademais, o personagem não deixa de apresentar seu ponto de vista sobre a resistência dos indianos em relação ao Império britânico. Bernard, além de subestimar a capacidade dos indianos de administrar seu próprio país, questiona a retirada dos britânicos da Índia, justificando que somente eles (os britânicos) eram pessoas racionais e os únicos capazes de controlar povos tão “selvagens” como os indianos:

Pensar naquele bando de analfabetos maltrapilhos querendo administrar o próprio país me fazia rir. Tirar os britânicos da Índia? Só os britânicos eram capazes de manter aqueles *coolies*² sob controle. [...] Eu, pessoalmente, sinto orgulho de fazer parte do Império Britânico. Orgulho de representar a decência. (LEVY, 2008, p. 369-373).

Na narrativa de Bligh o preconceito racial esteve presente desde o momento em que o personagem chega à Índia até o momento em que ele a deixa. McLeod afirma que, em suma, o Oriente, quando contatado pelo Ocidente, era sempre considerado inferior, e isso ajudou a reforçar o senso de superioridade ocidental.

O quarto estereótipo discute o *perfil dos gêneros orientais* masculino e feminino. O homem oriental era, com frequência, considerado insuficientemente “viril”. A figura feminina oriental era mostrada como imodesta e promíscua, possuidora da chave para uma infinidade de delícias eróticas misteriosas. McLeod afirma que, através da análise

² Adjetivo (termo pejorativo/ofensivo): um trabalhador não qualificado indiano ou chinês.

do Orientalismo empreendida por Said, é possível perceber que a mulher oriental era sempre representada nua ou com pouca vestimenta. Um perfil semelhante de mulher oriental aparece na narrativa de Bernard Bligh: “O roupão que mal cobria, seus seios nus, seu traseiro à mostra” (LEVY, 2008, p. 406). Tanto a mulher quanto o homem oriental fugiam do padrão ocidental que estipulava que o homem deveria ser ativo, corajoso, forte; e a mulher deveria ser passiva, moral e casta. Dessa maneira, os homens e as mulheres orientais não cumpriam esses papéis de gênero. Sendo assim, suas identidades de gênero eram consideradas transgressoras. Isso contribuiu para a sensação geral de estranheza e anormalidade atribuída ao Oriente.

Para falar do quinto estereótipo, McLeod faz uma alegoria dos gêneros masculino e feminino e explica que, de um modo geral, o *Oriente era feminizado*, pois era considerado passivo, submisso, exótico, luxuoso, sexualmente misterioso e tentador. Já o ocidente era masculinizado, por ser ativo, dominante, heróico, racional, autocontrolado e ascético. Essa alegoria abre caminho para um vocabulário especificamente sexual disponível para os ocidentais descreverem seus encontros com mulheres orientais. As descrições eram, na sua maioria, fantasiosas e fascinantes, oferecendo aos homens ocidentais a oportunidade de experimentar uma vida livre e desimpedida das proibições da sociedade ocidental.

Bernard estava em uma terra distante da sua. A tensão da guerra já havia passado, pois estava prestes a voltar para casa, e parecia que só restava a ele experimentar as mulheres “exóticas e sexualmente misteriosas” que existiam na Índia. Dessa forma, Bligh vai em busca de um encontro onde ele poderia realizar suas fantasias. O encontro de Bernard com a garota indiana ocorreu ainda em Calcutá, momentos antes de ele partir para Bombaim. Ao narrar sua experiência sexual com a garota, Bernard deixa transparecer na figura feminina a “promiscuidade” da mulher oriental e seu desejo em realizar o que é visto como tabu pela sociedade ocidental: “Ela veio por trás de mim e começou a alisar minhas costas com as mãos. Não fazia ideia do que eu queria” (LEVY, 2008, p. 405). Aqueles que viajavam ao Oriente poderiam pensar que estavam indo para um lugar onde os códigos morais de comportamento não funcionavam, onde eles poderiam encontrar formas de excesso sexual.

O sexto e último estereótipo envolvido no Orientalismo e analisado por McLeod se refere à concepção de que o *Oriente é degenerado*. Essa afirmação é feita devido à identificação de uma série de adjetivos negativos, tais como preguiçoso, fraco, violento, frouxo, inconstante, luxurioso, dentre outros. Se voltarmos ao início da narrativa de

Bernard, no momento em que ele chega à Índia, o personagem constrói um cenário feio, com pessoas “degeneradas”. Depois que Bernard e os demais soldados embarcaram no trem para Bombaim, eles encaravam com espanto os comportamentos dos indianos:

[...] um grupo de mulheres carregava carvão em trouxas para o motor da locomotiva. Algumas (mulheres) levavam uma criança presa às costas e uma enorme barriga de carvão na frente, enquanto indianos fortes e saudáveis do sexo masculino se acotovavam e pediam esmolas para os soldados britânicos. [...] [V]i homens feitos (adultos) agachados junto aos trilhos, defecando no chão (LEVY, 2008, p. 337).

Outro exemplo de representação encontrado na narrativa está relacionado ao uso de palavras e seus significados. Em um dado momento da narrativa, o personagem faz uma mudança nos significados das palavras para enfatizar a degeneração dos indianos. O adjetivo *wallah*³, utilizado por Bernard para se referir aos indianos, significa em híndi uma pessoa envolvida ou responsável por algo específico. O personagem atribui-lhe outro significado, o de ladrão: “[...] tudo precisava ser vigiado, protegido das larápias mãozinhas pretas que nos cercavam por todos os lados. Aqueles *wallahs* eram capazes de roubar qualquer coisa” (LEVY, 2008, p. 376). E, para o adjetivo *dacoit*⁴, que, de fato, significa ladrão em híndi, Bernard o classifica como assassino: “Mas pior, eram os *dacoits*. Aqueles homens eram assassinos, não ladrões de galinha. Sanguinários” (LEVY, 2008, p. 376). E, por fim, a generalização dos significados dos termos chega ao extremo, quando o personagem britânico afirma não conseguir identificar os *coolies*, ou seja, os trabalhadores não qualificados dos *dacoits*: “*Dacoits* por toda parte. Decididos a usar nossa munição contra nós para destruir o Império Britânico. [...] [N]ão conseguíamos distingui-los dos *coolies*” (LEVY, 2008, p. 376). É possível perceber a forma com que o personagem degrada os orientais no uso dos adjetivos, os quais são empregados de maneira distorcida e estereotipada, com as pessoas de confiança (*wallahs*) sendo consideradas ladrões; os ladrões (*dacoits*), assassinos; e a classe de trabalhadores sem qualificação (*coolies*), assassinos sanguinários, pela suposta impossibilidade de distinção.

É importante lembrar que, na criação desses estereótipos, o Orientalismo justificou a propriedade do colonialismo, afirmando que os povos orientais precisavam ser salvos deles mesmos. Conclui-se, portanto, que a representação que os imperialistas

³ Adjetivo: pessoa envolvida ou responsável por algo específico.

⁴ Adjetivo: membro de uma gangue ou assaltante/ ladrão.

ocidentais realizavam de suas colônias era completamente estereotipada, e esse preconceito perdurou durante o processo de colonização, o que, no caso da Índia, perdurou por séculos.

Até aqui discutiu-se o tema de maior evidência na narrativa de Bernard Bligh. Por meio da análise feita é possível afirmar que Levy se esmera, mostrando que as representações abordavam o oriental como um ser degenerado. Todavia, a resistência, ainda que sutilmente, também aparece na narrativa do britânico, o que demonstra que a oposição ao Império sempre existiu e foi essa manifestação que deu força às colônias para se tornarem independentes. Em uma noite, Bernard e dois indianos, Arun e Ashok, foram convocados para ficar de guarda numa base e, enquanto eles vigiavam o local, um diálogo foi estabelecido entre os três. O indiano inicia a conversa fazendo uma série de perguntas para Bernard, sendo que em uma delas Ashok questiona a permanência dos britânicos na Índia: “Eu me pergunto: por que vocês ficam na Índia, se sentem tanta falta da Inglaterra?” (LEVY, 2008, p. 378). O indiano percebe que Bernard vê a pergunta como um atrevimento da parte dele, então, muda o curso da conversa a fim de prosseguir no diálogo com o europeu. Nessa negociação com o colonizador, Ashok revela uma das estratégias mais ardilosas e eficazes do poder e do saber coloniais – a mímica: “[...] eu tive sorte de aprender a língua (inglesa) na escola. Eles me chamavam de inglesinho marrom. Os britânicos me ensinaram muitas coisas úteis” (LEVY, 2008, p. 379).

Pode-se entender, portanto, que “a mímica colonial é um desejo de um Outro reformado, reconhecível como sujeito de uma diferença que é quase a mesma, mas não exatamente” (BHABHA, 2013, p.146). Dessa forma, o colonizado usa dessa estratégia de resistência, na qual reconhece sua diferença, mas se “apropria” do Outro ao visualizar o poder. Essa estratégia se torna visível na fala do indiano Ashok quando, ainda no diálogo, ele volta a questionar a presença dos britânicos em território indiano: “Mas diga-me, o senhor algum dia já se perguntou o que os britânicos vieram fazer aqui na Índia?” (LEVY, 2008, p. 380). Tais questionamentos revelam uma Índia insatisfeita com a situação atual da colônia. Ela visualiza no Outro o poder, poder esse que ela luta para conquistar.

Está bem claro que o tema mais explorado na narrativa de Bernard Bligh foi a representação ocidental europeia do Oriente, em especial, da Índia. A Índia aparece como pano de fundo para o personagem europeu expressar suas ideias e valores sobre o Oriente. Mas também é possível identificar marcos de resistência. De um modo irônico,

a autora mostra, principalmente, na voz do indiano Ashok, uma Índia que anseia pela independência do seu país. Ashok questiona a situação da colônia, ironizando a “sagacidade” britânica que Bernard tanto se orgulha em alardear. Ambos os discursos de Bernard e Ashok funcionam como uma sinédoque, pois da mesma forma que a voz de Bernard representa todo o Império, Ashok apresenta a resistência de toda Índia.

3. Considerações Finais

A noção coletiva que se tem do Oriente está recheada de estereótipos e racismo e aparece muito bem construída na obra de Levy. Essa noção estereotipada do Oriente teve uma repercussão dentro e fora da Europa, o que ajudou a perpetuar os estereótipos orientais até os dias atuais. Em *Small Island*, a autora critica o tema da “representação” do outro sob um enfoque pós-colonial, na narrativa de Bernard Bligh. Ao colocar a descoberto todo o preconceito de Bligh e suas visões preconcebidas do outro de uma forma até exagerada, Levy torna visível aquilo que embasava os discursos e narrativas europeias, algumas vezes de forma disfarçada. Ela coloca uma lente de aumento sobre um ponto que nunca deixou de fazer parte do processo imperialista, a representação do outro através de estereótipos negativos. Sua crítica, portanto, aparece nessa ampliação e no modo como ela torna o personagem de Bligh detestável para o leitor, que não consegue se identificar com um personagem capaz de observações tão mesquinhas e mal-humoradas. Além disso, no diálogo com os indianos, transparece uma outra voz, a voz da Índia que parece ironizar e resistir às pré-concepções dos britânicos.

4. Referências Bibliográficas

- ACHEBE, Chinua. *Things Fall Apart*. New York: Anchor Books, 1994 [1958].
- BHABHA, H K. *O Local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013 [1994].
- BONNICI, T. (Org.). *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Ed. da UEM, 2009, p.395-438.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.
- LEVY, Andrea. *Small Island*. New York: Picador, 2010 [2004]
- _____. *A pequena ilha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MCLEOD, J. *Beginning Postcolonialism*. Manchester; New York: Manchester University Press, 2000.

SAID, Edward. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. T.: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.